

#### 4. A RETÓRICA NA OBRA DO PRIMEIRO LEXICÓGRAFO PORTUGUÊS - JERÓNIMO CARDOSO<sup>1</sup>

*Telmo Verdelho*

Percorrendo a obra lexicográfica do humanista Jerónimo Cardoso, que foi o autor da primeira dicionarização da língua portuguesa, observa-se uma abundante nomenclatura retórica, alfabetada entre o seu corpus lexical. Considerando um pouco mais detidamente esse vocabulário da retórica, verifica-se que ele ocupa uma parte muito significativa, no conjunto das entradas, sobretudo pela sua proporção em relação ao léxico restante, e fica-nos a impressão de que Jerónimo Cardoso valorizou deliberadamente esta informação.

Motivado e instruído pela sua experiência de professor, deveria entender que os dicionários cumpriam um objectivo essencial da sua funcionalidade didáctica, fornecendo aos seus utilizadores, sobretudo aos estudantes e aos mestres, as palavras que referenciavam essa importante disciplina do *trivium*. A fonte poderia ser a própria obra de Marco Fábio Quintiliano, que em Roma, no final do século I, leccionou retórica e, para o seu ensino, compôs o primeiro compêndio escolar — *Institutiones oratoriae*. Também poderia aproveitar o pequeno manual *De Arte Rhetorica Libri tres*, elaborado em 1562 pelo Jesuíta Cipriano Soares, com quem Jerónimo Cardoso deve ter tido algum relacionamento. Mais fácil seria, no entanto, utilizar os dicionários latinos anteriores que tinham também dado entrada a esse vocabulário e que lhe serviam como fonte mais imediata e directa para o seu trabalho.

A retórica e a lexicografia são naturalmente disciplinas sinérgicas. Relendo hoje os nossos dicionários, os antigos como os modernos, encontramos neles, além das muitas palavras que tecem o discurso e fazem o seu ornamento — as palavras próprias, as graves e as elegantes, os epítetos que amplificam e dão graça e subtileza à oração, as palavras numerosas que têm os segredos da sonoridade e da harmonia — encontramos nos dicionários também a própria metalinguagem retórica. As primeiras, as palavras do discurso, foram, em parte, trazidas às línguas pelo investimento retórico, pela produtividade linguística e nomeadamente lexical resultante da sua exercitação. As segundas, as palavras que verbalizam a própria ciência retórica, foram lançadas nas línguas por uma longa tradição de ensino e pelo bom acolhimento dos dicionaristas que, sobretudo desde o humanismo integraram entre o vocabulário das línguas vulgares a nomenclatura da retórica a partir da sua matriz greco-latina. Juntamente com a nomenclatura

---

<sup>1</sup> Retoma-se com algumas alterações o texto já publicado em: *Quintiliano: Historia y actualidad de la retórica*, Logronho, Instituto de Estudios Riojanos, 1998, vol.III, p.1523-1530, (Actas do Congreso Internacional realizado em Madrid e Calahorra, em Novembro de 1995).

da gramática, constituiu-se assim, provavelmente a primeira terminologia científica dicionarizada.

Jerónimo Cardoso foi um desses dicionaristas que lançou as bases da fixação do léxico português, e que ao mesmo tempo promoveu a circulação e transmissão da mensagem retórica na língua e nos dicionários portugueses. Tentaremos nestas breves páginas apresentar alguns elementos que dão testemunho dessa complexa interacção em que intervém o dicionarista, entre a ciência retórica e a história da língua, especialmente no que se refere ao provimento e à fixação dos seus recursos lexicais.

O perfil de Jerónimo Cardoso, ainda que sumariamente esboçado, lança alguns esclarecimentos oportunos sobre a sua obra e especialmente no que respeita ao seu envolvimento com a lexicografia e com a retórica<sup>2</sup>.

O nosso autor foi um humanista operoso que dedicou a sua vida ao ensino do latim. Nasceu em data incerta, no início do século XVI, na cidade de Lamego. Foi estudar para Salamanca<sup>3</sup>, onde recebeu a mensagem dos grandes mestres das artes “sermocinales” que ilustraram Salamanca nas primeiras décadas do século, ali teve a oportunidade de conhecer os novos manuais escolares, as gramáticas, as retóricas, os copiosos vocabulários (facilmente reproduzidos então pelos prodígios da tipografia, tornavam infinitamente mais fácil a tarefa dos estudantes). Instalou-se em Lisboa, no princípio dos anos trinta, como mestre de gramática e certamente com fama de bom latinista, porque mereceu ser convidado para proferir a lição inaugural, no ano lectivo de 1536, na Universidade de Lisboa, mesmo sem pertencer ao seu corpo docente<sup>4</sup>. Em Lisboa continuou a viver, até ao fim da vida (c. 1569), certamente vigiado pela Inquisição, que entretanto lhe descobrira a condição de cristão-novo, por via das declarações de uma sua tia que fora presa em 1553<sup>5</sup>. Ao longo destes anos produziu e publicou vários textos em latim e nomeadamente: uma colectânea epistolográfica; um conjunto de textos poéticos, de teor lírico e narrativo; uma gramática latina, duas vezes reeditada com alterações, e um conjunto de dicionários em que se destaca um dicionário de português - latim em 1562, onde pela primeira vez se alfabetou o léxico da língua portuguesa, e um dicionário de latim -

---

<sup>2</sup> Para a biografia e obra vide: Justino Mendes de Almeida, “O primeiro lexicógrafo português de língua latina” in *Euphrosyne*; II(1959), p. 139-152; Paul Teyssier, “Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise”, in *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, 41 (1980), p. 7-32.

<sup>3</sup> Joaquim Veríssimo Serrão, *Os Portugueses no Estudo de Salamanca (I- 1250-1550)*, Lisboa, 1962.

<sup>4</sup> Os velhos professores da universidade devem ter desvalorizado o acto, perante o constrangimento da transferência eminente para Coimbra.. Cf. A. Moreira de Sá, “Jerónimo Cardoso e os mestres da Universidade de Lisboa em 1536”, in *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 30, 1983, p. 253-278.

<sup>5</sup> I. S. Révah, “Les origines de Jerónimo Cardoso, auteur du premier dictionnaire portugais imprimé” in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, XXXVI (1964), p. 277-279

português, fortemente influenciado pela obra de Nebrija, publicado logo depois da sua morte em 1569/70<sup>6</sup>.

Por toda esta obra, podemos dizer que perpassa a lição de Quintiliano, não só de modo implícito, como nos textos versificados, mas também, por vezes de modo explícito.

Por exemplo, na lição inaugural de 1536, na Universidade de Lisboa, dita *Oratio pro rostris*, e que apresenta como subtítulo - *de laudibus omnium disciplinarum* - o louvor da retórica, entre o conjunto das artes liberais, assume uma particular veemência. Cardoso dedica-lhe quatro páginas da sua oração. Trata-a na sequência da gramática e começa justamente por afirmar que: “O primeiro benefício da gramática consiste justamente no acesso à superior sublimidade da retórica”, e continua depois um fundamentado e tradicional louvor: a eloquência é suavíssima e deliciosa como o mel, conquista cidades, constrói a cidadania, é simultaneamente útil e bela. E antes de concluir cita, para reforçar a sua argumentação, precisamente Quintiliano (“ut cum Fabio dicam”), deixando assim bem claro o reconhecimento da sua referência autoral. Para Cardoso, a retórica e a poética eram artes gramaticais, e por isso, a citação é integrada numa diatribe contra os adversários da gramática que escarnecem desta arte por ser estéril e fraca e a desprezam pela sua aridez e inutilidade. São “grammaticastri polyposi” aos quais agrada mais o cheiro das urtigas que o da mangerona e que não reconhecem a diferença entre a farinha e o farelo<sup>7</sup>.

A presença da informação retórica pode assinalar-se, de modo mais ou menos explícito, em outros textos da obra literária de Jerónimo Cardoso, mas é sobretudo nos seus dicionários que essa informação se torna mais

<sup>6</sup> *Hieronymi Cardoso Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*, Lisboa, João Álvares, 1562 (no cólofon 1563); *Dictionarium Latinolusitanicum & vice versa Lusitanicolatinum... per Hieronymum Cardosum Lusitanum*, Coimbra, João de Barreira, 1570 (no cólofon 1569).

<sup>7</sup> Grammatices praetera beneficio ad summum Rhetorices fastigium pleno gradu contenditur, quae cunctis ciuitatibus, ducibus, ac regibus domi, militiaeque quantum emolumenti attulerit, ex veteribus exemplaribus deprehenditur. Constat autem eloquentiam suauissimam et pene melleam esse. [...] Nisi forte falsum fuisse credimus, quod Pyrrhus Epirotarum rex dicere consuevit: plures se urbes Cyneae legati sui oratione ac eloquentia, quam armis expugnasse. Plus enim facundia, quam ferrum conficit. Et quanuis tela in vtramque partem valeant detorqueri, quia non solum ad sedandos populi tumultus, verum etiam ad ciuiles priuatasque dissensiones concitandas recte possunt accommodari, non ideo tamen malum quidpiam et noxium censi debet, quo si voles, bene uti licet. [...] Ex hac ergo disciplina Grammatices, quae Rhetoricen et Poeticen complectitur, uberrimos et opulentissimos fructus demetimus. [...] Atque per eam ad sublimiores et longe beatiore disciplinae unicus pateat aditus. Quo minus audiendi sunt scioli quidam, et ut ita dicam, grammasticastri polyposi, quibus urticas, quam amaracos olfacere suauius est, nec siligineum panem a furfureo sciunt internoscere. Qui hanc artem ut tenuem et ieiunam (ut cum Fabio dicam [*Institutio Oratoria*, I. IV. 5]) cauillantur, et tanquam aridam et minus frugi eram fastidiunt. Jerónimo Cardoso, *Oração de sapiência proferida em louvor de todas as disciplinas* - Trad. de Pinto de Menezes e Intr. de Justino Mendes de Almeida, Lisboa, Inst. de Alta Cultura, 1965, p. 100-104).

evidente e particularmente importante para a sua difusão no meio escolar e para a sua integração no espaço linguístico e cultural português.

Cardoso integrou nos seus dicionários, especialmente no *Dictionarium Latinolusitanicum*, uma espécie de subdicionário com a nomenclatura retórica. São várias centenas de entradas com toda a metalinguagem retórica, às quais se juntam, ainda que em menor quantidade, as metalinguagens da poética e da gramática, perfazendo um conjunto de cerca de mil entradas.

O tratamento dicionarístico desse vocabulário é extremamente rudimentar, o autor sabia que se tratava de um vocabulário marcado, o importante era fixá-lo, esclarecer a sua configuração ortográfica, identificá-lo e dar-lhe um pequeno apoio sinonímico, por vezes mesmo só em latim, sobretudo quando fosse mais difícil encontrar um equivalente em vernáculo. Pode servir-nos de exemplo um pequeno “corpus” que destacámos do conjunto deste glossário retórico. Escolhemos todos os artigos identificadas pelo classificador *figura*, que foi sobretudo utilizado no início do dicionário. São pouco mais de três dezenas de entradas no conjunto das várias centenas, mas parecem-nos suficientemente exemplares e especialmente indiciadoras da deliberada intenção do dicionarista de integrar essa terminologia especializada.

Amphibologia, ae. figura est, s. palaura duuidosa.

Anadiplosis, is. A figura por onde redobramos a palaura do verso.

Anaphora, ae. Figura pera repetir, vt Vergilius. Nate meae vires: nate patris summi.

Anastrophe, es. figura, i. inuersio, vt Italiam contra te propter.

Antapodosis, figura est, retributio, vide Quintilianum.

Antiphora, ae, figura est, i. tacita obiectio.

Antiphrasis, figura, ao contrairo, vt parcae, quia nemini parcunt, lucus quia caret luce, manes, quia non sunt boni.

Antipodosis, figura est. s. Retributio.

Antiptosis, figura est, i. casus pro casu.

Antithesis, figura est, litera pro litera, vt olli, pro illi.

Antitheton, figura est, cum contraria, contrarijs opponuntur. vt: frigida pugnabant calidis, humentia siccis.

Antonomasia, figura est, quae dignitatem exprimit, vt apostolus, i. paulus. Saturnia pro Iunone.

Aphaeresis, figura est, abscisio literae, vt pono pro depono.

Apocope, figura est, quae in fine carminis literam abscidit, vt, immitis Achili pro Achilis.

Aposiopesis, figura est indignantibus familiaris, hoc est reticentia, vt Vergil. Quos ego.

Apostrophe, figura est, i. conuersio, quae fit per secundam personam, vt, te alloquor o africane.

Archaismos, figura est, i. antiquitas quando aliquid antique vel vetuste dicitur.

Cacephaton, figura est, Turpisonus, na, onum.

Cacosyntheton, figura est, i. mala compositio. A maa composiçam.

Hyperbole, es: figura, i. Superlatio.

Macrologia, ae. Figura est. s. longus sermo.

Metalepsis, figura est. i. transumptio.

Metonymia, figura est, i. Transnominatio.  
 Onomatopoeia, ae. Figura, idest, nominis fictio.  
 Paradigma, atis, figura est hortantis, siue deterrentis enarratio.  
 Parenthesis, is, figura est, i. interpositio.  
 Schema, atis. A figura de grammatica.  
 Synechdoche, es. Ho concebimento, figura est.  
 Synthesis, ios, constructionis figura est. A composição.  
 , is, figura est cum rem magnam humiliter exponimus.  
 Tropus, i. A figura de grammatica, ou Rhetorica.  
 Zeugma, atis. Figura conhecida antre os Grammaticos.

Antes de qualquer outro comentário sobre este pequeno “corpus lexical”, será necessário ter presente que ele não foi certamente elaborado, pelo menos em exclusivo, pelo autor. Como já notámos acima, trata-se de um vocabulário que podia ser recolhido em glossários ou outras fontes onde ele se encontraria já organizado, mas não foi possível identificar qualquer texto que pudesse servir de referência privilegiada para esta lista de palavras. Os principais dicionários europeus da época incluíam igualmente toda a nomenclatura retórica. Fez-se uma comparação entre esta série de entradas e as equivalentes, nos dicionários de Nebrija (ed. Sevilha de 1516) e do Calepino (ed. de Lyon de 1559). Ambos registam também as mesmas entradas, mas com algumas discrepâncias que nos levam a supor que não foram fontes directas. Como quer que seja, o mais importante, do nosso ponto de vista, é que o autor tenha entendido que o seu dicionário poderia ser um veículo oportuno e adequado para a informação retórica. Oferecia um acesso fácil, rápido e fidedigno para esse conhecimento tão assiduamente solicitado. Não obstante o carácter forçosamente muito sintético da informação, não deixava de ajudar os estudantes. Podia suprir ocasionalmente a consulta do manual da disciplina e, em qualquer caso, sempre seria um auxiliar da memória, tornando aquelas palavras familiares e facilitando a sua lembrança. A origem helénica da nomenclatura deveria causar alguma estranheza nos ouvidos habituados ao universo linguístico português, e tornava ainda mais útil e desejável o apoio dos dicionários, sobretudo quando os alunos não cursavam simultaneamente o grego, o que aconteceria com frequência, visto que o estudo do grego era geralmente pouco frequentado entre escolares portugueses.

Neste pequeno conjunto vem explicitamente confessada a herança de Quintiliano, no artigo:

Antapodosis, figura est, retributio, vide Quintilianum.

Cardoso cita ainda duas vezes o nome do calagurritano. Numa delas é, sem dúvida uma transcrição de Nebrija, no artigo:

Fasciatim, aduer. Quint. dixit. de feyxe em feyxe.  
 (Nebrija - Fasceatim Quintilianus dixit per singulos fascas)

Não se trata de nomenclatura retórica, e Cardoso limita-se a adequar a glosa nebrissense ao seu dicionário português, tal como fez em milhares de outros artigos.

Numa segunda citação, o nome de Quintiliano aparece na explicação de um adágio, e tem aqui para nós um especial interesse, visto que nos remete para a tradição do ensino da retórica. O nome de Quintiliano e de Cícero são confrontados, naturalmente com vantagem para o Arpinate:

Nec decima quidem Syracusanorum pars. Nem a decima parte de Syracusas. Dir-se-ha dos que sam muyto ricos, porque a cidade de Syracusas foi tam rica que os muyto ricos não chegavão a decima parte della. Vemos isto deste modo: rico he Quintiliano de eloquentia, porem em comparação de Tulio nam he a decima parte de Syracusas.<sup>8</sup>

Os adágios constituem mais um elemento que podemos identificar como fazendo parte do património retórico que se encontra no dicionário de Cardoso. No *Dictionarium Latinolusitanicum* estão integrados mais de 3000 textos sentenciosos, retirados de um índice alfabético dos *Adágios* de Erasmo. O aproveitamento deste “corpus” não deixa de corresponder à doutrina de Quintiliano, que valoriza a frase e os “exempla” como objecto de eloquência, e louva mesmo a estrutura sentenciosa no estilo de Séneca (“multae in eo claraeque sententiae” *Institutio Oratoria*, 10. 1, 129).

Nas subseqüentes edições dos dicionários de Jerónimo Cardoso, pelo menos a partir de 1613, foi ainda acrescentado no final do volume um apêndice com um conjunto de frases elegantíssimas<sup>9</sup>, acentuando assim a pertinência dos dicionários como instrumentos de ensino e de exercitação da retórica. Este procedimento foi retomado e alargado por Bento Pereira (1605-1681), o grande dicionarista português do século XVII, que acrescentou ao seu *Thesouro da Lingoa Portuguesa* (1647) um *Florilégio dos modos de fallar, e adagios da lingoa portuguesa*, justificando-se justamente com a oportuna autoridade de Quintiliano: “lembrado do que diz Quintiliano lib. 10. cap. 1 que o corpo da eloquencia he a frase, compuz este Florilegio, ou colheita de flores, a saber, frases Portuguesas com Latinas, & dos principaes adagios Portugueses, com seu Latim Proverbial correspondente”<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> O estudo da recepção de Quintiliano em Portugal, onde foi bem conhecido e amplamente citado pelos humanistas, desde os finais do século XV, é um trabalho ainda por fazer e será sem dúvida um indicador histórico-cultural interessante que, além do domínio da história da retórica, nos poderá informar sobre muitas outras dimensões com especial incidência sobre os fluxos da informação académica na Europa e, em suma, sobre a história das mentalidades. Que saibamos, Quintiliano não foi publicado em prelos portugueses antes do século XVIII, se exceptuarmos as 349 sentenças coligidas por André Rodrigues Eborense e publicadas na *Primera parte de las sentencias que hasta nuestros tiempos, para edificacion de buenos costumbres, estan por diuersos Autores escritas*, em Coimbra, em 1554.

<sup>9</sup> *Varii loquendi modi, siue phrases elegantissimae ex praecipuis Autoribus decerptae praesertim ex Marco Tullio Cicerone ex lingua Materna in Latinam redactae, & collectae ex thesauris linguae Latinae, & Dictionarijs erudissimorum nostri temporis virorum Augustini Barbosa, Bartholamae Braui, & Morelli Campani, in hac vltima editione auctae & illustratae*, Vlyssipone. Ex Officina Petri Craesbeeck, Anno 1619.

<sup>10</sup> O *Florilegio* foi primeiro publicado autónomo, em Lisboa, por Paulo Craesbeeck, em 1655. Vide Telmo Verdelho, “Aspectos da obra lexicográfica de Bento Pereira”, in *XXe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, t. IV, Section VI.

Além destes aspectos, a presença da retórica, como universo de referência pedagógica e cultural, é uma constante dos dicionários de Jerónimo Cardoso. A palavra “oratio”, por exemplo, e todo o conjunto de seus derivados, “orator” e “oratoria” tal como as formas portuguesas “orador” e “oratória” ocorrem muitas dezenas de vezes no conjunto do dicionário.

O mesmo acontece com a designação de “retórica” que é evocada mais de trinta vezes ao longo do dicionário, na forma portuguesa “retorica” ou “reytorica”, ou na latina “rhetorica”, ou ainda numa multiplicidade de forma derivadas tais como “retoricar”, “retorico”, “reytorico”, “retoricos”, “reytoricamente”, “rhetor” “rhetorice”, “rhetoricor”, “rhetoricus”, “rhetorisso”, “rhetoristes”.

Notemos, de passagem que as formas portuguesas “reytorica”, “reytorico” e “reytoricamente” suscitam o problema da vernaculização do vocabulário técnico latino. A norma do português moderno fixou as formas latinizadas “retórica” e “retoricamente”, e o mesmo aconteceu à nomenclatura retórica em geral. Todavia Jerónimo Cardoso deve ter sentido alguma perplexidade em relação a esta decisão, em algumas entradas fez ainda uma tentativa de aportuguesamento. Entretanto, a permanência do latim, nos manuais de retórica e como língua de ensino, fez prevalecer a terminologia latinizada, e ainda bem, porque podemos assim beneficiar de mais uma linguagem internacional que nos une.

Em todo o caso, aportuguesando ou não o vocabulário da retórica, a mensagem de Cardoso prolongou-se na lexicografia portuguesa até aos dicionários modernos e constituiu indubitavelmente um elo, nesta longa tradição do estudo e da exercitação da palavra, que verdadeiramente transforma o mundo e pode levar os homens até à vizinhança da felicidade.